

Dos “grandes nomes” às histórias de vida: reflexões sobre a escrita biográfica nos estudos sobre a história da medicina e da saúde coletiva

Gustavo Querodia Tarelow

Gustavo Querodia Tarelow

Museu Histórico da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: gustarelow@gmail.com

ORCID: 0000-0002-2360-3731

Resumo: Ao analisar a produção de estudos sobre a história das práticas médicas e de Saúde é possível constatar que as abordagens biográficas se destacam nas interpretações sobre a formação das especialidades médicas, acerca da construção de saberes e de instituições de ensino e assistência. Neste sentido, uma vertente da historiografia buscou construir uma espécie de panteão de “grandes nomes” da história da Medicina, ao passo que, nos últimos anos, uma série de trabalhos buscaram reposicionar as abordagens biográficas a partir de novos pressupostos teórico-metodológicos. Diante disso, o artigo analisa algumas das diferentes abordagens aplicadas nas biografias produzidas por pesquisadores interessados na história da Saúde e da Medicina no Brasil, com especial atenção à produção historiográfica empreendida a partir da segunda metade do século XX. Além disso, ao final, são debatidos os usos das biografias a partir das propostas interdisciplinares da Saúde Coletiva em sua conexão com a História.

Palavras-chave: Biografias; História da Medicina; Saúde Coletiva.

From “great names” to life stories: reflections on biographical writing in studies of the history of medicine and public health

Abstract: When analyzing the studies on the history of medical and health practices, it is possible to see that biographical approaches stand out in the interpretations of the formation of medical specialties about the construction of knowledge and teaching and care institutions. In this sense, a strand of historiography sought to build a sort of pantheon of “great names” in the history of Medicine, while, in recent years, many studies sought to reposition biographical approaches based on new theoretical-methodological assumptions. Therefore, the article analyzes some of the different approaches applied in the biographies produced by researchers interested in the history of Health and Medicine in Brazil, with special attention to the historiographic production undertaken from the second half of the 20th century. In addition, at the end, the uses of biographies from the interdisciplinary proposals of Public Health in its connection with History are debated.

Keywords: Biographies; History of Medicine; Public Health.

De los “grandes nombres” a las historias de vida: reflexiones sobre la escritura biográfica en los estudios de historia de la medicina y la salud pública

Resumen: Analizando la producción de estudios sobre la historia de las prácticas médicas y de la salud, es posible ver que los enfoques biográficos se destacan en las interpretaciones sobre la formación de las especialidades médicas, sobre la construcción de conocimientos y las instituciones de enseñanza y cuidado. En este sentido, una vertiente de la historiografía buscó construir una especie de panteón de “grandes nombres” en la historia de la Medicina, mientras que, en los últimos años, una serie de trabajos buscaron repositionar enfoques biográficos a partir de nuevos supuestos metodológicos. Por tanto, el artículo analiza algunos de los diferentes enfoques aplicados en las biografías producidas por investigadores interesados en la historia de la Salud y la Medicina en Brasil, con especial atención a la producción historiográfica emprendida a partir de la segunda mitad del siglo XX. Además, al final, se debaten los usos de las biografías en las propuestas interdisciplinarias de la Salud Pública en su conexión con la Historia.

Palabras clave: Biografías; Historia de la Medicina; Salud Pública.

Introdução

Escrita de uma vida; leitura analítica sobre a trajetória de um indivíduo em um tempo histórico; exame sobre as marcas de um sujeito na história e da história sobre um sujeito. O fazer biográfico, tendo em vista as características peculiares que permeiam este “gênero impuro” e híbrido em certo sentido, constitui-se atualmente como um dos campos mais profícuos para o ofício do historiador. A crescente produção de estudos biográficos balizados por diferentes pressupostos metodológicos pode ser notado inclusive no campo de estudos sobre a história das práticas médicas e de Saúde, haja vista que cada vez mais historiadores têm apresentado trabalhos biográficos consistentes sobre médicos, sanitaristas, enfermeiros e demais profissionais e usuários dos sistemas de Saúde.

A escrita biográfica faz parte de uma longa tradição no campo da história da Saúde e da Medicina. Essa produção é bastante vasta e evidencia uma forte tensão entre as interpretações de cunho memorialístico e as proposições mais críticas e densas da historiografia. Em verdade, essa tensão é mais ampla que o campo biográfico propriamente dito, uma vez que diz respeito às formas de apropriação do conhecimento no que tange à Memória e à História, cujas diferenças André Mota e Lilia Blima Schraiber (2014a, p. 1087) bem apontaram:

No caso da Medicina, essa distinção nos faz prezar o que é da memória, que são os vestígios mais visíveis ou facilmente presentes sob uma determinada narrativa, quase sempre corporativa sobre seu saber e prática. É o caso de textos que sobrevivem, tal como tratados sobre doenças, vultos da Medicina, relatos de adoecimentos em certos contextos e épocas ou os artefatos e os instrumentos da prática dos médicos que podem ser coletados. Não obstante, para a história a memória traduzida pela documentação será um de seus polos construtores de sua ciência, envolvendo outras esferas constitutivas como a teoria e a produção historiográfica, podendo por isso nos levar em busca dos sentidos que esses representantes da memória podem revelar por uma interpretação que damos a determinados conjuntos deles, de modo que formem um todo compreensível, mesmo que limitado às evidências, acerca da Medicina do passado marcando suas distinções com o presente para que possamos também compreendê-lo e atualizá-lo.

As tensões metodológicas que permeiam a produção biográfica, evidentemente, também estão presentes na produção de estudos sobre personagens que atuaram no campo da Saúde Coletiva. Tendo isso em vista, o presente trabalho, sem pretender esgotar toda a potencialidade desta discussão, analisará algumas das diferentes abordagens teóricas aplicadas nas biografias produzidas ao longo das últimas décadas por pesquisadores interessados na história da Saúde e da Medicina. Além disso, nos debruçaremos sobre como tais propostas foram, são e poderão ser utilizadas no campo da Saúde Coletiva observando, como estudo de caso, a série de trabalhos biográficos intitulada “Construtores da Saúde Coletiva”, editada pela “Revista Ciência e Saúde Coletiva” em suas edições publicadas ao longo do ano de 2015.

A genealogia dos “grandes homens” e a construção das biografias heroicas na história da Medicina

Tradicionalmente, no interior das discussões sobre a história da Medicina e sob o domínio da memorialística, as abordagens biográficas, a partir do século XIX, tiveram um terreno fértil para se

desenvolver. Produzidos essencialmente por médicos, tais trabalhos estavam inseridos em uma interpretação histórica que privilegiava a construção de mitos fundadores e o “pioneirismo” de alguns profissionais no advento de determinadas técnicas e procedimentos. Desta forma, as trajetórias individuais eram destacadas a partir de uma visão meritocrática, na qual o trabalho, as virtudes, os esforços e as conquistas pessoais foram valorizados a fim de servir de exemplo para os demais esculápios e para o público leigo. Neste tipo de abordagem, o contexto histórico e as dimensões sociais e coletivas eram ignorados de modo que a “excepcionalidade” e a “genialidade” dos médicos analisados foram exploradas para que fosse formado o perfil do “médico-herói indelevelmente ligado à ciência universal” (Bertolli Filho, 2006, p. 29).

O historiador francês François Dosse, em seu amplo estudo sobre a história do gênero biográfico intitulado “O desafio biográfico: escrever uma vida” (2009), definiu os trabalhos produzidos a partir deste tipo de abordagem como “biografias heroicas”. Segundo ele, essas biografias caracterizam-se pela consagração de “vidas exemplares” e, sem se ater à preocupação imediata com a veracidade dos fatos descritos, as virtudes do personagem biografado são exaltadas a fim de que os leitores possam incorporar os valores morais atribuídos aos “grandes heróis” (Dosse, 2009, p. 123). Com um caráter educativo e disciplinador, as biografias heroicas ganharam grande impulso e foram usadas em diferentes momentos históricos para difundir um modelo idealizado de homem baseado nos valores advindos das elites, sejam elas política, econômica, militar ou religiosa.

No Brasil, as “biografias heroicas” se desenvolveram, especialmente, no interior das associações que congregavam membros das elites intelectualizadas e de corporações profissionais tradicionais. Isso pode ser notado no grande número de artigos dedicados à construção de “perfis biográficos” e de genealogias na tradicional “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo” entre 1895 e 1940. Segundo Antonio Celso Ferreira (2002), cerca de 35% dos textos apresentados pela revista neste período consistiam em apresentações biográficas, o que faz deste tipo de narrativa a predileta dos autores daquele periódico. O autor demonstra que as biografias produzidas pelos membros das corporações tradicionais paulistas possuíam certo padrão em sua forma narrativa: “trazem sempre matrizes laudatórias, em linguagem primorosa. Lembrava-se a infância e as dificuldades enfrentadas pelo personagem, as atitudes arrojadas, a incompreensão, muitas vezes dos que o cercavam e, afinal, o sucesso, atingido na fase madura da vida, ou somente póstumo” (Ferreira, 2002, p. 127).

Neste sentido, a obra do médico Carlos da Silva Lacaz (1915-2002), Catedrático de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), fundador do Museu Histórico desta mesma instituição e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina, é bastante exemplar. Com uma vasta produção bibliográfica de cunho memorialístico, Lacaz construiu uma versão oficial da constituição da medicina paulista e brasileira. A partir de biografemas, bastante semelhantes às descrições hagiográficas, Lacaz produziu diversos livros exaltando os “Vultos da Medicina Brasileira”. Tais levantamentos biográficos seguiam um padrão de escrita, que consistia no relato sobre a formação do médico analisado, suas principais ocupações profissionais e o seu “pioneirismo” ou o reconhecimento obtido em sua área de atuação. Tal descrição não passava,

geralmente, de uma lauda e, em seu conjunto, pretendia dar conta de toda a história da medicina no país a partir de seus “grandes nomes”. Em geral, em tais biografemas o autor não apresentava suas fontes e referências, tampouco se preocupava em formular uma crítica, em inserir seu trabalho em um debate historiográfico ou contextualizar historicamente o personagem analisado. O trecho extraído da biografia que Lacaz dedicou ao médico Miguel Couto exemplifica a construção dos personagens característica de sua produção biográfica:

Homem excepcional, espírito profundamente culto e clínico consumado, a sua fisionomia irradiava uma bondade evangélica, que a todos seduzia [...]. A vocação clínica foi, sem dúvida, o traço dominante na personalidade de Miguel Couto. Tudo isso o predestinava, até o físico em que se revia a sua imutável bondade, tão louvada de todos. No dever médico não tinha limites [...]. Não desanimava ante situações que sabia perdidas; foi sempre grande médico, em todas as horas, na esperança e na desesperança. Ele possuía uma infinidade de recursos para atuar no moral dos doentes e vinha sempre em presença jovial [...]. Miguel Couto, do berço ao túmulo, foi sempre o mesmo homem, cheio de ricas virtudes, grande patriota, que em vida já se vestira da imortalidade (Lacaz, 1963, p. 19).

A lista de trabalhos desenvolvidos por médicos-biógrafos é vasta. A tradição de consagrar textos aos “grandes nomes” da medicina é secular e constitui-se como um dos pilares para uma interpretação oficial e tradicional sobre a história médica brasileira. Lycurgo de Castro Santos Filho, por exemplo, em seu livro “História da Medicina no Brasil” (1947) dedicou um amplo espaço para a apresentação de breves biografias de “alguns físicos e cirurgiões dos séculos 16, 17 e 18”, de “médicos titulares do Império e Médicos da Imperial Câmara” e de “médicos estrangeiros no Brasil” (Santos Filho, 1947, p. 271). Em seus relatos biográficos, Lycurgo Santos Filho procurou destacar as diversas funções exercidas pelos esculápios e a suas contribuições para o desenvolvimento do país.

Outro exemplo é o do o médico paulista Antonio da Palma Guimarães, que publicou em 1967 um amplo estudo sobre Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador e primeiro Diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como parte das comemorações sobre os cem anos de nascimento de seu biografado. O trabalho de Guimarães foi por muitos anos a principal referência sobre a vida e a obra de Vieira de Carvalho, uma vez que o autor apresentou uma ampla pesquisa documental sobre as diversas instituições nas quais o seu personagem atuou. No entanto, Guimarães não escapou de uma descrição laudatória e à exaltação de seu personagem, como é possível notar na apresentação dos objetivos de seu trabalho:

Ora, afigurou-nos oportuno fazê-lo [Arnaldo Vieira de Carvalho] conhecido de modo mais completo para ser estimado de modo mais seguro, e então nos propusemos a rever os fatos biográficos, tendo em vista desde sua Pátria. Importa a obra porque consagra o homem; importa o homem... porque criou a obra. Se de outros se tem escrito que não deixaram discípulos, de Arnaldo Vieira de Carvalho há de ser reconhecido que deixou escola. E até a onde possa o culto do passado ser conservado e estimado, a personalidade deste homem define e resume uma época. Ademais, o palco de conhecimento público dos vultos representativos da Nação é frequentemente ocupado pelas vedetas da Política, das Artes, das Letras. Médicos aí não aparecem. Dos grandes nomes da Medicina Paulista quantos foram objeto de estudo historiográfico? (Guimarães, 1967, p. XL).

Diversos outros trabalhos biográficos memorialísticos, produzidos com o objetivo de exaltar os “grandes feitos” dos profissionais da Saúde, especialmente dos médicos, poderiam ser aqui mencionados e é importante ressaltar que este tipo de produção não está restrito a um determinado momento da historiografia. No âmbito das atividades associativas e corporativas ainda é frequente a tentativa de criar um modelo de profissional ideal a partir exaltação dos “grandes feitos” de seus membros. Dentre essas corporações, a dos médicos se destaca pela produção de biografias que visam a formação de uma espécie de linha evolutiva de sua área de atuação baseada nas descobertas e nos “desbravamentos” realizados pelos esculápios¹.

A partir da década de 1970 foram produzidos diversos estudos históricos que perscrutaram a Medicina e a Saúde Pública sob as perspectivas metodológicas das Ciências Sociais e Humanas. Esses trabalhos redefiniram as discussões sobre campos e práticas que eram, até então, tratados quase que exclusivamente pelos médicos e demais profissionais da Saúde. Neste sentido, a História Social, ao propor um diálogo crítico com as abordagens memorialísticas, bem como com as teses advindas do estruturalismo e das análises de longa duração, pôde desenvolver abordagens que contribuíram para uma nova epistemologia das doenças e das práticas médicas.

A multiplicidade do indivíduo: as biografias modais e hermenêuticas na história das práticas médicas e de Saúde

A produção biográfica ganhou novo fôlego a partir de alterações determinantes em seus objetivos centrais. François Dosse, em seu já referido estudo sobre a história do gênero biográfico, sinaliza duas grandes categorias de propostas metodológicas que passaram a compor a historiografia: as biografias “modais” e as biografias “hermenêuticas”. Inaugurada com a primeira geração dos historiadores dos *Annales*, as “biografias modais” abandonaram o caráter laudatório que havia caracterizado os estudos biográficos produzidos até então e passaram a se debruçar sobre indivíduos que pudessem contribuir para a compreensão de um cenário histórico mais amplo. Segundo Dosse (2009, p. 195),

Este segundo tempo da escrita biográfica, que corresponde tanto a um momento histórico quanto a uma forma de abordagem sempre atual do gênero, consiste em descentralizar o interesse pela singularidade do percurso recuperado a fim de visualizá-lo como representativo de uma perspectiva mais ampla. A biografia modal visa, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que ela encarna. O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo. O singular se torna uma entrada no geral, revelando ao leitor o comportamento médio das categorias sociais do momento.

A biografia de Martinho Lutero publicada por Lucien Febvre em 1928 é exemplar neste sentido. Um primeiro elemento a ser destacado desta obra é a opção do autor por dar ênfase em sua análise sobre um período específico da vida do seu biografado em detrimento às totalizações empreendidas pelas biografias tradicionais, nas quais buscava-se contar o maior número de fatos possíveis sobre o

¹ O website da Associação Paulista de Medicina (APM), por exemplo, apresenta dezenas de biografemas de médicos seguindo um modelo laudatório e ufanista procurando formar um “panteão” dos grandes personagens da “medicina bandeirante”. Para maiores informações, ver Academia de Medicina de São Paulo (s./d.).

personagem desde seu nascimento até a sua morte. Febvre ocupou-se, especialmente, com os fatos ocorridos com Lutero entre 1517 e 1525, quando, segundo o autor, o biografado passou por um “recolhimento de si”. Se o elemento central da biografia produzida por Febvre é a sua busca pelas motivações e impulsos pessoais de Lutero que deram início ao movimento que culminou com o seu rompimento com a Igreja Católica, é a relação que o autor estabelece entre seu personagem e o contexto histórico que, de fato, salta aos olhos. Partindo do confronto entre uma forma particular de Lutero se relacionar com sua fé e o universo mental da Alemanha quinhentista, Febvre delineou o início da Reforma sem se aprofundar, de fato, nela. Segundo o autor, seu trabalho pretendeu “traçar a curva de um destino simples, mas trágico; retomar com exatidão alguns pontos verdadeiramente importantes desse destino; [...] colocar, assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história” (Febvre, 2012, p. 11).

Com base nas propostas metodológicas das “biografias modais”, foram publicados uma série de trabalhos em que os contextos históricos eram mais explorados que o personagem central das biografias produzidas. Dentre esse tipo de produção, pode-se destacar a publicação de diversos dicionários biográficos sobre membros de associações, instituições, movimentos sociais e corporações. Entre as décadas de 1950 e 1960, por exemplo, especialmente na França e na Inglaterra, foram publicadas diversas prosopografias² que examinaram alguns grupos a partir de elementos comuns entre seus membros, considerando, para tanto, dados coletados sobre os individuais sem, ao mesmo tempo, ater-se às trajetórias particulares de cada um.

Em 1986, Pierre Bourdieu produziu uma das mais importantes críticas à forma como as biografias foram produzidas até então em seu artigo “A ilusão biográfica” no qual afirmou que “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (Bourdieu, 1998, p. 183). Segundo ele, a produção biográfica parte de uma “ilusão” por pressupor que tanto há uma “identidade unitária” imutável nos indivíduos como uma continuidade linear em suas trajetórias o que, inevitavelmente, incide em uma totalização artificial e arbitrária. Vavy Pacheco Borges (2008, p. 169-170) ao referir-se às críticas empreendidas por Bourdieu, e ao que ele considera uma “ilusão”, afirma que

Essa ilusão compreende a ideia de uma identidade coerente; de um todo, com projetos e intenções; de uma trajetória de acontecimentos sucessivos (é comum representar-se a vida como estrada, caminho, carreira, corrida etc.). Além disso, a ordem cronológica com que se organizam biografias imprime à vida uma lógica retrospectiva e prospectiva, preocupada em dar um sentido à existência. O nome próprio, a individualidade biológica e a assinatura asseguram a constância e alimentam a ilusão de unidade, quando, na verdade, o eu é fracionado e múltiplo (Borges, 2008, p. 169-170).

Com base nos pressupostos estruturalistas, Bourdieu afirmou que a análise sobre as ações dos indivíduos não são “pertinentes” para a compreensão das estruturas sociais. Tais trajetórias estariam

² Segundo François Dosse (2009, p. 223), “a prosopografia é um gênero já antigo que tem por objeto reposicionar as características de um grupo esmiuçando as informações sobre todos os seus membros. Nisso se aproxima da biografia, mas sem se deter na singularidade da trajetória de cada um”.

estritamente vinculadas a uma rede de relações objetivas das quais os indivíduos estariam sujeitos. Assim, produzir “uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (Bourdieu, 1998, p. 185).

Lilia Schwarcz, ao abordar as tensões entre as perspectivas estruturalistas e historicistas que permearam a produção de estudos biográficos a partir dos apontamentos feitos por Bourdieu, especialmente ao que diz respeito aos riscos da construção de uma biografia linear e totalizante, afirmou que

Processos biográficos não são como avenidas pavimentadas e de sentido único, e nem tampouco seguem uma linearidade progressiva – nos termos de uma sucessão mecânica entre causas e efeitos. A noção de causalidade harmônica só pode ser lograda a posteriori, a partir da necessidade dos sujeitos de atribuírem sentido coerente às ações humanas próprias ou àquelas estudadas (Schwarcz, 2013, p. 53).

Assim, as incisivas críticas de Bourdieu ao que considerou uma “ilusão biográfica” e os debates delas decorrentes foram de fundamental importância para um movimento de revisão sobre os estudos biográficos e seus pressupostos teórico-metodológicos. Do mesmo modo, as novas propostas que emergiram das gerações seguintes dos *Annales* e o declínio do paradigma estruturalista abriram o campo para que estudos sobre as singularidades e as trajetórias individuais fossem retomadas pela historiografia, alcançando grande impulso a partir da década de 1980. Foi em meio a este contexto que emergiu um novo tipo de abordagem biográfica: as “biografias hermenêuticas”, que foram assim classificadas por François Dosse (2009, p. 143):

[Na atualidade] é cada vez mais forte o entusiasmo com o gênero biográfico, mas um gênero renovado em sua era hermenêutica. Sem dúvida, encontramos uma mesma busca identitária, mas pluralizada, fragmentada numa miríade de “biografemas” [...]. A figura do biografado não é mais vista a partir de uma totalidade uniforme postulada, mas, ao contrário, questionada em suas tensões, contradições e diversas cidades de pertença [...]. Resulta daí a pluralidade de sentidos postulada na escrita biográfica e a consideração dos usos praticados pela sociedade das figuras biográficas, para além da vida biológica dos indivíduos transformados em ícones.

Neste movimento de renovação do gênero biográfico, diversos historiadores profissionais produziram estudos baseados em perspectivas metodológicas sólidas. Esses trabalhos buscaram retomar o rigor na interpretação das fontes e inserir as biografias em um debate historiográfico mais amplo. Com base no marxismo revisado, nos pressupostos da Nova História, da Micro-história ou mesmo nas discussões empreendidas pela História Política e pela História Social, os indivíduos e suas singularidades se tornaram objeto privilegiado no exercício metodológico caro ao ofício do historiador. A produção biográfica voltada à história das práticas médicas e de Saúde foi fortemente influenciada por este movimento historiográfico que passou a valorizar as singularidades, os novos recortes temporais e

a pluralidade de personagens, rompendo-se assim, com as cristalizações sobre os indivíduos analisados e com a exaltação dos “grandes feitos”.

O trabalho biográfico desenvolvido por Nara Britto sobre Oswaldo Cruz é um bom exemplo disso. Seu livro intitulado “Oswaldo Cruz: A construção de um mito na ciência brasileira”, fruto de seu Mestrado em Antropologia e Sociologia defendido em 1992, foi publicado pela Editora Fiocruz em 1995. O trabalho de Britto empreende uma importante mudança no enfoque atribuído ao personagem analisado. No lugar de uma abordagem laudatória, linear e totalizante, propõe um recorte cronológico e metodológico a partir de problemas de pesquisa bem definidos, rompendo com o modelo que marcou grande parte das biografias produzidas sobre o mesmo personagem até então. Apesar de negar que seu trabalho seja uma biografia, Britto evidencia as especificidades de sua proposta metodológica ao propor uma história do processo de obtenção de legitimidade científica de Oswaldo Cruz e dos fenômenos que contribuíram para uma mitificação do personagem como um “apóstolo da ciência brasileira”. Desta forma, a autora analisou o panorama científico brasileiro durante o período em que Oswaldo Cruz atuou e como as formas como a ciência nacional se apropriou de sua imagem após a sua morte:

Este livro trata de Oswaldo Cruz. Não é uma biografia, porém parte de biografias e de uma extensa bibliografia às quais pode-se imputar a construção de uma imagem pública de Oswaldo Cruz. Assim, importa menos o homem do que o lugar que ele ocupa no imaginário coletivo.

Esta literatura, a qual intitulei de hagiografia oswaldiana, tem origem no círculo médico próximo de Oswaldo Cruz. Produzida após a sua morte, em 1917, constitui um conjunto significativo de testemunhos que, ao lado de festividades organizadas com o propósito de marcar a sua presença e eternizá-la, contribuiu para cristalizar determinadas imagens às quais associa-se a figura mitificada de Oswaldo Cruz, conhecida até hoje (Britto, 1995, p. 7).

O historiador Jaime Benchimol também publicou importantes trabalhos biográficos sobre personagens ligados à história da Saúde e da Medicina. Em um deles, utilizando uma abordagem característica das biografias modais, buscou analisar a consolidação das instituições de medicina pasteuriana e tropical no Brasil a partir da figura de Adolpho Lutz. Segundo Benchimol (2003, p. 14-15), Lutz foi “o mais experiente e versátil integrante de um pequeno grupo de médicos que, na virada do século XIX para o XX, estiveram no centro de candentes controvérsias, envolvendo não apenas os clínicos, mas uma variada gama de atores sociais”. Procurando compreender o contexto que permitiu que seu personagem se tornasse um dos mais renomados cientistas brasileiros, Benchimol faz um levantamento que compreende desde a infância de Lutz até 1908, quando ele se transferiu para o Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Desta forma, manejou um grande leque de fontes e propôs um enfoque analítico diferente dos estudos tradicionais que, em geral, optam por apresentar Lutz já no IOC, onde conquistou fama e prestígio. Ao tratar da atuação de seu biografado no Instituto Bacteriológico de São Paulo, Benchimol afirmou que

Na verdade, a alma, o cérebro e a força de trabalho principal do Instituto Bacteriológico de São Paulo foi Adolpho Lutz. Nomeado diretor interino em outubro de 1893, e efetivado no cargo somente em 18 de setembro de 1895, exerceu-o por 15 anos, até transferir-se para

o IOC, em novembro de 1908. Junto com seus auxiliares, realizou investigações de grande relevância sobre as doenças infecciosas que grassavam endêmica ou epidemicamente no estado, e enfrentou duras controvérsias com parcela majoritária do campo médico e outros atores sociais [...]. Lutz era o quadro tecnicamente mais qualificado entre os bacteriologistas brasileiros, com maior bagagem de experiência, trabalhos publicados e relações com a comunidade científica internacional (Benchimol, 2003, p. 32-33).

A respeito da produção historiográfica sobre a medicina paulista, as análises de André Mota se destacam por sua crítica e pela revisão de temáticas que por muito tempo estiveram sob o domínio da memorialística e da “história oficial”. Em sua obra dedicada ao primeiro Professor Catedrático de Anatomia da Faculdade de Medicina da USP, Alfonso Bovero, Mota analisou seu personagem examinando os diversos contextos históricos nos quais a sua trajetória biográfica se constituiu. O autor explorou as especificidades de sua formação médica, a sua atuação como anatomista em Turim, as condições que permearam a sua vinda ao Brasil, bem como as conjunturas políticas da Itália naquele momento. Além disso, André Mota ampliou o alcance de seu estudo biográfico ao trazer reflexões sobre a atuação docente do famoso anatomista italiano e sobre como a sua imagem foi cristalizada na memória institucional da FMUSP. Ao sintetizar os objetivos do trabalho dedicado a Alfonso Bovero, afirmou que:

Acompanhamos aqui a presença do médico e anatomista italiano Alfonso Bovero (1871-1937), a partir de sua chegada a São Paulo, em 1914, e sua trajetória médica e intelectual na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Igualmente, buscamos indícios que recomponham sua partida de volta a Turim em 1937, quando veio a falecer, a forma pela qual sua memória foi sendo erguida nas décadas seguintes, sobretudo pela elite médica formada na Faculdade de Medicina. Em suma, pretende-se seguir um determinado homem no tempo e, mesmo que a intenção não seja a de apenas construir sua “história de vida”, a pesquisa passará necessariamente por sua biografia (Mota, 2011, p. 353).

Deste modo, após perscrutarmos este mosaico de propostas metodológicas sobre as biografias vinculadas à história da Medicina, propomos adiante um exame mais atento aos estudos sobre as histórias de vida de personagens ligados à Saúde Coletiva, campo notadamente marcado por suas abordagens multidisciplinares. Para tanto, empreendendo um estudo de caso cujo objetivo será examinar a presença de diferentes e, por vezes, divergentes abordagens teórico-metodológicas na construção biográfica, faremos um recorte específico sobre uma seção especial intitulada “Construtores da Saúde Coletiva”, editada em 2015 pela revista *Ciência e Saúde Coletiva*, que é um dos mais importantes canais de divulgação das pesquisas neste campo em nosso país.

Entre o coletivo e o particular: reflexões acerca das biografias produzidas no campo da Saúde Coletiva

A Saúde Coletiva é, em sua essência, um campo multiprofissional, multidisciplinar e aberto aos estudos sobre os determinantes sociais da saúde e da doença. Sendo a epistemologia da História um dos seus pilares, tal tecnologia em saúde procura ampliar as suas abordagens para além dos fenômenos puramente biológicos das doenças e propõe uma posição ideológica dos pesquisadores frente às políticas de Saúde, visando a inclusão de diferentes sujeitos históricos em seus processos e práticas. Joel Birman

(2005, p. 13) em seu estudo sobre a “Physis da Saúde Coletiva”, afirma que “O discurso da Saúde Coletiva, em suma, pretende ser uma leitura crítica desse projeto médico-naturalista, estabelecido historicamente com o advento da sociedade industrial”. Neste sentido, uma definição objetiva sobre o campo da Saúde Coletiva seria:

A Saúde Coletiva pode ser definida como um campo de produção de conhecimentos voltados para a compreensão da saúde e explicação de seus determinantes sociais, bem como âmbito de práticas direcionadas prioritariamente para a sua promoção, além de direcionadas à prevenção e cuidado a agravos e doenças, tomando por objeto não apenas os indivíduos, mas, sobretudo, os grupos sociais, portanto a coletividade. É multiprofissional e interdisciplinar (Silva; Paim; Schraiber, 2014, p. 4).

Ao analisarmos especificamente este campo de estudos, é salutar o interesse dos pesquisadores pelos fenômenos coletivos e pelos debates acerca da dimensão social da Saúde e das doenças. Todavia, as individualidades, as singularidades e sua relação com a coletividade não podem, por sua vez, ser consideradas estranhas a este campo. Ainda que este seja um fenômeno relativamente recente, há trabalhos importantes que destacam um personagem como objeto de estudos e procuram analisar a sua contribuição para o seu campo de atuação.

Sendo assim, podemos tomar como exemplo de “biografia modal” inserida nos debates caros à Saúde Coletiva a obra intitulada “O médico e seu trabalho: limites da liberdade”, de autoria de Lília Blima Schraiber (1993). Neste estudo, a autora analisou o processo de transição entre a prática de uma Medicina liberal, marcada pelo exercício profissional autônomo e praticado em consultórios particulares para uma Medicina tecnológica e superespecializada que passou a ter o hospital como seu *locus*. Schraiber apontou as tensões inerentes a este processo histórico que resultou na coletivização do trabalho médico e, por consequência, a perda de sua autonomia. Para capturar a percepção dos profissionais que vivenciaram esta transição, foram colhidos depoimentos pessoais de médicos que se graduaram entre 1930 e 1955, período no qual as transformações na autonomia profissional médica, segundo ela, começaram a aparecer. Neste estudo, os relatos e as vivências pessoais são apresentados como “meios de aproximação da totalidade em que se inscrevem, e assim representam o coletivo a que pertencem” (Schraiber, 1993, p. 33). Assim, se a autora buscou compreender em sentido *latu* os fenômenos que permearam este processo de transição, as singularidades das trajetórias profissionais também são tomadas em consideração sendo apresentadas em sua relação com o coletivo:

A constituição de um todo com base nos singulares, na reconstituição do acontecimento social sob investigação, deve partir do fato de que os depoimentos em conjunto, e as próprias recordações do vivido pelo entrevistado, podem orientar-se em direções diferentes e até contraditórias. Nada há que se estranhar, porém, nessa autonomia relativa do singular; ela não só de fato ocorre, como também não é capaz, por sua singularidade, de anular o que é relatado sobre o coletivo, desde quando se conceba este coletivo como produto de qualidade própria por ser referência a seus constituintes particulares: o individual não precisa repetir tudo o que se passa no plano do coletivo para que se faça parte de sua constituição (Schraiber, 1993, p. 34).

Portanto, se “O médico e seu trabalho: limites da liberdade” não é uma biografia no sentido tradicional, o consideramos uma referência para o presente trabalho por explorar as especificidades da dimensão do singular nas discussões presentes no campo da Saúde Coletiva.

Outro trabalho biográfico referencial para o campo da Saúde Coletiva, considerando o seu apurado levantamento de fontes e o seu refinado cuidado metodológico, foi o capítulo produzido por André Mota e Lília Blima Schraiber em uma rica coletânea de trabalhos sobre Cecília Donnangelo. Neste estudo os autores propuseram um novo olhar sobre a vida e sobre a produção de sua personagem examinando as particularidades de sua formação no contexto político e cultural de Araraquara, a sua cidade natal. Neste sentido, os autores buscaram redimensionar a importância de sua formação como pedagoga para explicar a sua atuação como um dos principais nomes da Saúde Coletiva brasileira em detrimento da habitual interpretação que põe em relevo somente a sua formação e atuação no campo da Sociologia. Segundo Mota e Schraiber (2014b, p. 28),

Nosso escopo central aqui é revisitar a memória de Maria Cecília Ferro Donnangelo, não para fazer um relato cronológico de vida ou uma evolução de seu pensamento, mas sim, por meio de um campo formador ainda pouco devassado, apreender a maneira como se configura num dado momento histórico a atividade cognitiva do trabalho científico. Para isso, faz-se necessário aproximar-se de sua formação na cidade de Araraquara como educadora e pedagoga, bem como seus primeiros movimentos no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, quando de sua participação da proposta de se fazer um curso médico ao que já existia – o Curso Experimental. Nossa incursão será para apreender uma nova temporalidade capaz de configurar interpretações diante de uma narrativa, significando novos lineamentos a uma memória já compartilhada, aprofundando-nos nas rupturas e permanências temporais, fios que podem tecer novos desenhos da biografada.

Nos últimos anos diversos trabalhos dedicados a perscrutar as ações e o engajamento de personagens ligados à história da Saúde Coletiva foram publicados em forma de tese, de artigos científicos e de livros. Contudo, uma série de artigos publicados pela “Revista Ciência e Saúde Coletiva” no ano de 2015, em comemoração aos 20 anos da fundação deste periódico, tornou-se um marco para os estudos biográficos produzidos a partir ou em diálogo com este campo.

Organizada por Gilberto Hochman e Everardo Duarte Nunes, a série contou com 13 textos biográficos dedicados a personagens que contribuíram para a formação das bases conceituais da Saúde Coletiva. Os artigos foram produzidos por profissionais de diferentes áreas, como médicos, enfermeiros, sanitaristas, sociólogos e historiadores³. Apesar de ter em comum o objetivo de apresentar a atuação dos

³ A série “Construtores da Saúde Coletiva” contou com a seguinte relação biografado/biógrafo:

- 1) Juan César García por Everardo Duarte Nunes (2015);
- 2) Samuel Barnsley Pessoa por Gilberto Hochman (2015);
- 3) Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves por José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres (2015);
- 4) Rodolfo dos Santos Mascarenhas por Luiz Antonio Teixeira (2015);
- 5) Maria Cecília Ferro Donnangelo por Lília Blima Schraiber e André Mota (2015);
- 6) Izabel dos Santos por Carlos Henrique Assunção Paiva (2015);
- 7) Guilherme Rodrigues da Silva por Moisés Goldbaum (2015);
- 8) Mário Magalhães por Sarah Scorel (2015);
- 9) Walter Sidney Pereira Leser por Guilherme Arantes Mello e José Ruben de Alcântara Bonfim (2015);
- 10) Joaquim Alberto Cardoso de Melo por Lenira Zancan e Álvaro Hideyoshi Matida (2015);

personagens destacados para a formação de um determinado campo de conhecimento, os artigos divergem em suas abordagens metodológicas e, em seu conjunto, mostram as tensões entre as propostas metodológicas da História e as produções de cunho memorialístico.

No texto inaugural desta série temática, os organizadores definiram a sua proposta biográfica da seguinte forma:

Os Construtores da Saúde Coletiva foram homens e mulheres que, de diferentes maneiras, pensaram, escreveram, discursaram, agiram, organizaram, administraram e, fundamentalmente, desejaram e imaginaram instituições, associações, políticas e sistemas de saúde mais públicos, nacionais, inclusivos e igualitários. [...]

Nesta série será incentivada a diversidade temporal, ideológica, institucional, profissional, organizacional e geográfica. Personagens/atores internacionais, especialmente latino-americanos, que influenciaram a saúde coletiva brasileira serão contemplados. Toda escolha é dramática e incompleta, mas acreditamos que uma seleção inicial deve ser um consistente ponto de partida para a recuperação da trajetória mais recente do campo – e de suas diferentes vozes –, a partir de um conjunto de perfis biográficos e que novos nomes devem ser sugeridos e incorporados. Não se trata de ratificar ou erigir um panteão. Ao contrário, devemos sim celebrar nossos *construtores*, mas situando-os criticamente em seu tempo, na história. Pretende-se também iluminar personagens que são menos visíveis, alguns efetivamente esquecidos, nas narrativas mais assentadas sobre a reforma sanitária e sobre a criação do Sistema Único de Saúde. Como marco temporal privilegiaremos personagens que tiveram atuação mais saliente a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em particular, desde 1964, ano do golpe civil-militar que encerrou a experiência democrática inaugurada em 1945 (Hochman; Nunes, 2015, p. 137, grifos no original).

Neste conjunto de perfis biográficos podemos encontrar diferentes perspectivas metodológicas. Estas variam desde as biografias heroicas, que exaltam os “grandes feitos” e a “trajetória excepcional” dos personagens analisados, passando pelas biografias modais, pelas biografias intelectuais e pelas biografias hermenêuticas, que apresentam problemas historiográficos bem estabelecidos, explorando as singularidades em sua relação com os contextos históricos que permearam as trajetórias individuais. Vejamos alguns exemplos.

A análise que José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres empreendeu sobre a trajetória de Ricardo Bruno Mendes Gonçalves, por exemplo, voltou-se, especialmente, sobre a produção acadêmica de seu biografado. Ainda que o autor tenha explorado alguns dados biográficos de seu personagem, o seu trabalho concentrou-se na discussão sobre as obras e as teorias produzidas por Ricardo Bruno, aproximando seu trabalho das propostas metodológicas das biografias intelectuais. Ayres (2015, p. 906), ao definir os objetivos centrais de seu artigo, afirmou:

Embora, pela natureza deste ensaio, seja mandatório trazer ao leitor alguns dados biográficos e notícias sobre o conjunto de sua obra, não tenho a pretensão de percorrer aqui a totalidade da produção e esgotar a pluralidade das contribuições de Ricardo Bruno. O leitor perceberá que a ênfase recairá sobre alguns trabalhos considerados mais expressivos e sobre determinados constructos teóricos ali difundidos. Espero que essas escolhas não enviesem demasiadamente a leitura de sua obra, empobrecendo a

11) Giovanni Berlinguer por Sônia Fleury (2015);

12) Maria Cecília Puntel de Almeida por Maria José Scochi, Silvana Martins Mishima e Marina Peduzzi (2015);

13) Hernán San Martín Ferrari por Eleonor Minho Conill (2016).

compreensão do seu sentido geral, mas, ao contrário, que sejam um estímulo a que novas leituras e releituras venham imprimir renovadas potências ao diálogo a que não nos cessa de convidar a poderosa construção intelectual desse saudoso mestre.

Lenira Zancan e Álvaro Hideyoshi Matida, ao analisarem as contribuições de Joaquim Alberto Cardoso de Melo ao campo da Saúde Coletiva, optaram por uma abordagem mais próxima às biografias modais. Em seu artigo os autores procuraram explorar o engajamento e os temas estudados pelo seu biografado tendo a sua trajetória tomada como um fio condutor para uma leitura de temas mais amplos como a educação e o trabalho em Saúde, por exemplo. Neste sentido, ainda que os aspectos mais singulares do personagem analisado tenham sido apresentados, a aproximação com o contexto histórico em que ele viveu e com o ambiente intelectual no qual desenvolveu seus estudos é que forma a espinha dorsal desta biografia. Segundo os autores,

Procuramos então, através de sua trajetória de vida, retomar as “problemáticas obrigatórias” do campo da saúde que ele refletiu, em especial na área da educação em saúde. Foi esta área de “saber-poder” que ele buscou investigar, compreendendo seu discurso e suas práticas como expressão do tensionamento entre projetos distintos de sociedade, mostrando sua articulação com outros discursos oriundos de áreas do pensamento social de sua época. São estas problemáticas obrigatórias, que procuramos refletir, temas que tornam as discussões e os autores contemporâneos entre si, pois mesmo quando discordam, concordam sobre o que devem discutir e divergir (Zancan; Matida, 2015, p. 3276).

Finalmente, dentre os artigos que podem ser classificados como biografias hermenêuticas, pode-se destacar o trabalho produzido por um dos editores da série “Construtores da Saúde Coletiva”, o historiador Gilberto Hochman. Ao se debruçar sobre a trajetória de Samuel Barnsley Pessoa, o autor destacou as desigualdades sociais latentes no Brasil em meio à Ditadura Civil-Militar iniciada em 1964 e as incongruências políticas do período como determinantes para a compreensão da produção científica de seu biografado. Neste sentido, Hochman não se atém a uma versão sobre o pensamento de Pessoa, produzindo uma biografia intelectual ou uma análise internalista sobre sua larga e influente produção científica. Ao trazer as dimensões políticas e sociais, bem como os contextos históricos em que seu biografado viveu para o seu foco de análise, o autor concluiu que a produção científica e a militância política de Samuel Pessoa não podem ser dissociadas. Para tanto, o autor empreendeu uma interpretação problematizada sobre a singularidade biográfica de seu personagem. Segundo Hochmann (2015, p. 426),

O ponto central deste artigo é que as ideias e a atuação de Samuel Pessoa só podem ser compreendidas à luz de uma intensa militância comunista, internacionalista e anti-imperialista, dado inexplorado por aqueles, poucos, que se debruçaram sobre suas concepções e trajetória. Esses trabalhos têm enfatizado suas propostas de organização sanitária e sua Geografia Médica. Sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), provavelmente entre fins dos anos 1930 e no início dos anos 1940, foi uma inflexão política e intelectual. O seu amplo conhecimento sobre as condições de vida do Brasil rural entrecruzou-se com o socialismo.

Considerações finais

A produção biográfica, como procuramos apresentar neste ensaio, ampliou suas perspectivas metodológicas, diversificou o leque de fontes consultadas e, com isso, deixou de ser apenas a representação escrita da exaltação dos “grandes heróis”, da proclamação via exemplo individual de valores morais “elevados” para ser um dos recursos mais potentes para os estudos historiográficos. Ao ressignificar o papel dos indivíduos diante do mundo e do tempo em que vivem, as biografias de cunho hermenêutico, com propostas teórico-metodológicas problematizadas, puderam fazer emergir novas reflexões sobre a própria noção histórica do que é o indivíduo e sobre quem são os sujeitos históricos.

Esta revalorização das biografias pelos historiadores impactou os estudos sobre as práticas médicas e de Saúde. Ao confrontar uma história contada a partir dos “grandes nomes” da Medicina e das ciências, as propostas biográficas de base historiográfica puderam trazer à tona novos personagens, propostas temáticas e superar as narrativas pautadas pela descrição factual e linear sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e das práticas médicas. Neste sentido, a partir de uma pluralidade de abordagens teórico-metodológicas, as biografias integraram-se a um movimento historiográfico que tem buscado analisar a Medicina e da Saúde em seus contextos históricos, culturais, políticos e da singularidade de seus personagens.

No que diz respeito ao campo de estudos sobre a Saúde Coletiva, as biografias, como pudemos notar na série de artigos “Construtores da Saúde Coletiva”, por exemplo, podem contribuir para uma melhor compreensão sobre as relações entre o singular e o coletivo, entre o particular e o contextual. Tais trabalhos podem dialogar, a partir de suas distintas propostas teórico-metodológicas, com os estudos caros à Saúde Coletiva como os de cunho epidemiológico, com as discussões sobre as políticas e gestão em Saúde, além das análises empreendidas pela Sociologia, Antropologia, Geografia e Filosofia da Saúde.

Portanto, ao longo deste trabalho, procuramos demonstrar que os estudos biográficos, renovados metodologicamente, apresentam-se como ferramenta importante para a superação das narrativas laudatórias e heroicas. Diante das diferentes lentes e propostas metodológicas utilizadas nas análises sobre as histórias de vida, compreendemos que as biografias que dialogam com as perspectivas historiográficas sobre as práticas médicas e de Saúde prestam grande contribuição ao movimento de revalorização e de formação de novos sentidos para as biografias, que conscientemente rejeitam a pretensão de esgotar todas as leituras possíveis sobre a vida, a obra e as ações dos personagens analisados.

Fontes

ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO. Biografias de acadêmicos. *Academia de Medicina de São Paulo*. [s.l.]. Disponível em: <https://bit.ly/3ultmsi>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Referências

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Ricardo Bruno: história, processos sociais e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 3, p. 905-912, mar. 2015.

- BENCHIMOL, Jaime. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 10, n. 1, p. 13-83, jan./abr. 2003.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. A construção midiática da biografia na era Vargas: Vital Brazil na Rádio Nacional. *Cadernos de História da Ciência*, v. 2, n. 1, p. 9-45, 2006.
- BIRMAN, Joel. A Physis da Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, p. 11-16, 2005.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-234.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-192.
- BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995.
- CONILL, Eleonor Minho. O enfoque ecológico-social e a atenção primária na construção de sistemas universais na trajetória de Hernán San Martín. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 21, n. 1, p. 173-178, jan. 2016.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três estrelas, 2012.
- ESCOREL, Sarah. Mário Magalhães: desenvolvimento é saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 8, p. 2.453-2.460, ago. 2015.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- FLEURY, Sonia. Giovanni Berlinguer: socialista, sanitaria, humanista! *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 11, p. 3.553-3.559, nov. 2015.
- GOLDBAUM, Moisés. Guilherme Rodrigues da Silva: a formação do campo da Saúde Coletiva no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 7, p. 2.129-2.134, jul. 2015.
- GUIMARÃES, Antonio da Palma. *Arnaldo Vieira de Carvalho: biografia e crítica*. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1967.
- HOCHMAN, Gilberto. Samuel Barnsley Pessoa e os determinantes sociais das endemias rurais. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 2, p. 425-431, fev. 2015.
- HOCHMAN, Gilberto; NUNES, Everardo Duarte. Abertura de uma nova seção na RC&SC. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 1, p. 137, jan. 2015.
- LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da medicina brasileira*. São Paulo: Pfizer, 1963.
- MELLO, Guilherme Arantes; BONFIM, José Ruben de Alcântara. Um sanitaria chamado Walter Leser. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 9, p. 2.749-2.754, set. 2015.
- MOTA, André. Il Signore Alfonso Bovero: um anatomista ilustre na terra dos bandeirantes. *RiMe – Rivista dell’Istituto di Storia dell’Europa Mediterranea*, n. 6, p. 353-373, 2011.
- MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima. Medicina sob as lentes da História: reflexões teórico-metodológicas. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p. 1.085-1.094, 2014a.
- MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima. A pedagoga Maria Cecília Ferro Donnangelo, 1940-1983: restos de memória, indícios para a história. In: CARVALHEIRO, José da Rocha (Org.). *O social na Epidemiologia: um legado de Cecília Donnangelo*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2014b, p. 27-46.
- NUNES, Everardo Duarte. Juan César García: a medicina social como projeto e realização. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 1, p. 139-144, jan. 2015.
- PAIVA, Carlos Henrique Assunção. Isabel dos Santos e a formação dos trabalhadores da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 6, p. 1.785-1.793, jun. 2015.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História da Medicina no Brasil (do século XVI ao século XIX): tomo 2*. São Paulo: Brasiliense, 1947.
- SCHRAIBER, Lilia Blima. *O médico e seu trabalho: limites da liberdade*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SCHRAIBER, Lilia Blima; MOTA, André. O social na saúde: trajetória e contribuições de Maria Cecília Ferro Donnangelo. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 5, p. 1.467-1.473, maio 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24, p. 51-73, 2013.

SCOCHI, Maria José; MISHIMA, Silvana Martins; PEDUZZI, Marina. Maria Cecília Puntel de Almeida: construtora de pontes entre Enfermagem e a Saúde Coletiva brasileira. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 12, p. 3.891-3.896, dez. 2015.

SILVA, Ligia Maria Vieira da; PAIM, Jairnilson da Silva; SCHRAIBER, Lilia Blima. O que é Saúde Coletiva? In: PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar de (Orgs.). *Saúde Coletiva: teoria e prática*. Rio de Janeiro: MedBook, 2014, p. 3-12.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. Rodolfo dos Santos Mascarenhas: pioneiro da história da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 4, p. 1.135-1.141, abr. 2015.

ZANCAN, Lenira; MATIDA, Álvaro Hideyoshi. Trajetórias de Joaquim Alberto Cardoso de Melo: Quincas, um berro à vida. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 10, p. 3.275-3.282, out. 2015.